3 1761 07047159 4

Sousa Monteiro, José Maria de
Poemas

PQ
9261
S7A17
1883

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO

POEMAS

MYSTICOS — ANTIGOS — MODERNOS

LISBOA
TYPOGRAPHIA CASTRO IRMÃO
31 Rua da Cruz de Pau 33
1883

LIVRARIA ACADÉMICA
J. Guedes da Silva
R. Mártires da Liberdade, 10
Telefone 2 5988 — PORTO
LIVROS USADOS
COMPRA E VENDE

POEMAS

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/poemasmysticosan00sous

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO

POEMAS

MYSTICOS — ANTIGOS — MODERNOS

LISBOA
TYPOGRAPHIA CASTRO IRMÃO
31 Rua da Cruz de Pau 33
1883

PQ
9261
S7A17
1883

MYSTICOS

O DILUVIO

FRAGMENTO

(A D. Sigismundo Gonçalves Zarco da Camara)

. . . . . .

Rasgára o abysmo infindo as prenhes cataractas.
O edificio do mal das gerações ingratas
ruira, derrocado á voz de Deus.
Quarenta
dias, por todo o mundo, inexoravel, lenta,
continua, densa, immane, absorta, indefinida,
foi estrangulando a chuva a pouco e pouco a vida.

Sem plaga o pégo undoso, avido e só, delira.
Como arquejante fera o furacão respira,
lambendo a superficie immensa de agua e espuma.
Ennoita o plumbeo céo imperscrutavel bruma.

E a Noite, a Noite Antiga, irmã da Eternidade,
que enchia de silencio a nua immensidade
antes de haver jorrado a luz d'um: Sê! fecundo,
involve, em negro amplexo, estreitamente o mundo.

Só na equorea amplidão a Arca mareia á toa,
como na tempestade a aguia real revoa,
e dos tufões batida, impavida, serena,
na aza espalmada sulca a tormentosa scena.

Pairam em torno d'ella, hirtos na morte muda,
avanços de ouro e luz da bachanal desnuda;
corpos convulsos, nus, mordidos, conspurcados
de ancias de impuro amor, de affagos abrazados,
crispados na lascivia, inda na morte fria
recordam brutamente os phrenesins da orgia.

Mãe desgrenhada, louca, aos seios nus aperta
o filho que estreitava a rosea bocca aberta
á bocca rosea d'ella, aberta e supplicante,
ao ver o mar crescer, crescer, a cada instante.

Inanimado pae acima da agua eleva,
ao subito clarão que accende a espessa treva,
nas contrahidas mãos, sem annos, sem delicto,
formoso e soluçante, o filho pequenito.

Zagala juvenil, ardente pegureiro,
á sombra maternal de enorme castanheiro,
tinham-se dado as mãos... Que amor! que eterna jura!
Subito o bruto mar lhes cava a sepultura.
O rosto d'ella, um lyrio albente e desfolhado,
dorme de seu pastor no vasto peito arcado.
Cobre, na mesma vaga, a mesma espuma fera
o toro de carvalho e a hastezinha de hera.
Quasi contricto o mar na morte os dois embala,
o ardente pegureiro e a juvenil zagala.

. . . . . .

E sobre o undoso abysmo a arca fluctua á toa,
como a aguia que no espaço entre neblinas voa,
e sulca vencedora os flancos da tormenta.

Vae descendo o Ararat a vaga calma e lenta.
O vento sorve o mar em prolongados sorvos.

Rompem ao lume da agua hirtos, limosos, torvos,
da occulta serrania os cumes.
Luzidia
já a selva espessa ostenta a grenha ao novo dia.
O espirito de Deus perpassa, e o largo entono
das aguas diminue; e, como affaga o dono
o cão dormente, ao mar, que tremulo fluctua,
affaga mollemente a branca luz da lua.

Estende á tarde o sol no monte os seus desmaios.
Já não têm bruma os céos, as nuvens não têm raios.
Apaga-se o lampejo, abafa adormecido
nas fauces o trovão seu concavo bramido.

Um dia o Justo ouviu: «Sae e comtigo saia
quanto salvei por ti.»
Qual na arenosa praia,
quando a tormenta raiva, a multidão, sedenta
de atroz rapina, accorre á nave que arrebenta
co'o lugubre pulsar das rugidoras vagas:
tal se derrama a turba.
Em pardacentas fragas
ergue ao Senhor Noé devotamente uma ara.
Contempla em dor o Justo a terra inerte, avara,

prantiva, exhausta, morta. E ante a ara que fumega
a alma derrama em Deus, os filhos seus lhe entrega.

Surgindo ouviu Noé longo rumor distincto...
O altar jazia em terra, o lar de todo extincto.

«De mim virá, clamou, a Luz, o Grão Monarcha,
o Martyr do Calvario, o Verbo Altissimo, a Arca
de Nova Lei, de Deus, de Pazes, de Alliança:
o Summo Rei dos Reis, Jesus, o Nazareno.»

Disse; divina luz lhe fulge o olhar sereno.
Soa na augusta voz aureos clarins a Esp'rança.

Morria a pouco e pouco a tarde no Occidente.

E sobre o ancião que em pé, absorto e silencioso,
estende, a abençoar a terra, a mão tremente,
em doce curva um arco esplende mysterioso,
tecido só de luz, nuncio de summo bem:

Era um remoto albor da aurora de Bethlem.

JAHEL

(Ao Visconde de Benalcanfor)

I

De Heber Cinneu a esposa austera e casta,
a companheira amiga e valedora,
vive em Senim a par de Cedes vasta:
calmo luar que as vagas lhe redoura
da fadigosa vida; o alento santo
que no affan campesino a lassa testa
lhe enxuga do suor;
a mão suave, commovida, honesta,
que lhe aconchega as pelles no recanto
mais tepido, melhor;
e, quando a tarde na deserta areia
desmaia ao longe e a crista aos cerros c'roa,
lhe off'rece ao labio ancioso a taça cheia
de espumeo leite e saborosa broa.

Em quanto nas fadigas da lavoura
recurvo Heber se affana,
de sol a sol suando sobre o arado,
Jahel colma de feno a mangedoura,
ou renova o palhiço na arribana,
que ha de á noitinha agasalhar-lhe o gado.

Em meio curso a noite, quando a lua
no azul arqueia o lucido crescente,
inda Jahel, solicita, fervente,
attende, vela, apena-se, tressua.
Altiva a fronte, varonil, segura,
braveje o inverno, ou esplenda a primavera,
requeime o estio, ou desmereça o outomno,
raro descanso no dormir procura;
e se acaso suspira dolorido
nocturno alento, ou celere panthera
restolha entre os caniços dos juncaes,
exsurge presto e ao esposo adormecido
vela o pesado somno
com piedosos carinhos maternaes.

Na aspereza sadia, rude, amara
do campestre lavor, tão rijamente
as forças temperára,

que suas castas mãos, subtis e brancas
sem embargo do sol e da fadiga,
vergaram d'um relance ao chão, fremente,
enraivecido, o almalho que fustiga
co'a repuchada cauda as fartas ancas,
e, no mugir frequente,
abala as solidões da selva antiga.

Arcava co'as pantheras peito a peito;
e, quanta vez, ao fim de lide ingente,
modesto o porte, sorridente o aspeito,
depunha aos pés do esposo estremecido,
submissa e reverente,
a fôfa juba do leão vencido!

Se a bronca penha acaso repetia
seu rijo brado aos echos do palmar,
urrando o rei das selvas accendia,
riçada a juba, o lampejante olhar.

No cerro e chã, maninho e semeado,
sacode a terra toda e longamente,
se o pé demove irado;

e, muita vez, impavida e risonha,
de urzeiras vivas na espessura bruta,
co'o pé desnudo suffocou sem lucta
rasteira serpe a babujar peçonha.

II

Na fimbria azul do céo desponta albente a lua.
Vislumbra aos pés da tenda a prateada veia.

Disse a Jahel Sisara: — «Hei sêde, hei sêde, Hebreia.»
— «Podes entrar, senhor, a pobre tenda é tua.
Senta-te um pouco em paz.
Barac é longe ainda e, perto e longe, tudo
no mais quieto pasmo embevecido jaz.
Socega; tal mudez não quebra o estrondo rudo
do rudo batalhar, a pavorosa grita
de quem vil fuga encalça, a vozeria afflicta
dos que na lucta sega, esmaga, roda, pisa
o carro do exterminio. É doce e mansa a brisa;
calado o campo; vês?

Sentes murmurio brando, ou vagaroso alento,
que turbe á noite acaso a tumular mudez?
O amaldiçoado olor que, no luctar sangrento,
exhala a aguda lança, a espada assoladora,
não se une ao casto odor que dos giestaes emana,
e faz a fronte erguer da farta mangedoura
ao gado na arribana».

Torna Sisara: — «Hei sêde».
E diligente a Hebreia
ao sedento caudilho off'rece taça cheia
de leite que mungira em tarro generoso.
Sorveu-lh'a d'um só trago e longo e preguiçoso;
e á varonil Jahel tornou-lh'a agradecido.

— «Perciso de descanso».
E a Hebreia obediente
o leito lhe compoz: dez pelles arrancadas
a horrificos leões, pantheras mosqueadas,
a um canto da choupana escuso e bem varrido;
por travesseira, feno em mólho rescendente.

— «Se alguem te perguntar: prestaste a foragido
asylo no teu lar? protestarás que não».

E presto adormeceu.
Nocturna viração
solta nos véos da tenda um lugubre gemido...

III

Profunda solidão. Sisara jaz dormente.
Jahel do rude leito ergueu-se mansamente.

A lua sobre a noite a calma luz derrama:
esplendido cendal de vaporosa trama
no seio a palpitar de adormecida esposa.
Sisara em paz repousa.

Jahel arranca á pressa um cravo enorme, agudo,
dos que ao fraguedo nu prendem os véos da tenda.

Paira o silencio, como abutre negro e mudo.
Nem um latir longinquo. A solitaria senda

não pisa a tal deshora o tardo caminheiro.
Resona na pocilga o sujo pegureiro.
Na extensa chã que banha em ondas virginaes
o tacito luar, freme de quando em quando
embalsamada a brisa, e, n'um bafejo brando,
balouça mollemente as hastes dos trigaes.
O castanhal copado, em somno longo e quedo,
pende, na luz que o inunda, a rama adormecida;
e os ninhos, palpitando em mal desperta vida,
occultam-se sem voz nas dobras do folhedo.
No preguiçoso arroio as aguas silenciosas
refulgem ao luar scintillações subtis;
não silvam nos tojaes as serpes vagarosas;
não vibram no bramir as sombras dos covis.
Profunda solidão!
Subitamente um grito,
passado de agonia intensa, viva, amara,
a noite repercute, echoa no infinito...

Jahel cravára ao solo a fronte de Sisara.

RESPHA

(A Thomaz Ribeiro)

Prosegue Josué na divinal missão.
Tudo debella, aterra a inexoravel mão,
da rica Jerichó á vasta Haí.
Um dia,
turba offegante, obscura, esqualida, sombria,
esfarrapada e vil, calçado aberto ao ar,
secco e mofento o pão, curvo e humildoso o olhar,
odres de inane ventre impostos em jumentos
mortos de fome e sêde, entra os acampamentos
de Galgala, onde atenda o vencedor de Haí.
Arroja-se-lhe aos pés a supplicar:
—«De ti,
que enches de pasmo a terra e no luctar descansas,
vimos, em tal pobreza, a demandar allianças».
Volveu-lhe o Grão Juiz:
—«Se é certo que viveis

em terra a par de nós, seriamos infieis
a Deus, se tregua ou paz tratassemos comvosco».
—«Seremos servos, torna o povo rude e tosco.
—«De longe vindes?»
—«Sim. Em nome do teu Deus.
Sabemos quanto obrou de memorando aos teus.
Dil-o o Jordão, o Arad, clama-o espantado o Egypto.
Venceste os Amorrheus; e o apavorado grito
de Séhon de Hesebon, de Og, de Basan senhor,
mirrou-nos para a lucta as almas e o valor.
Os anciãos da tribu incerta e consternada
exclamam: Que esperaes? que a assoladora espada
fulja seu lume infausto em vossos lares? Sus!
Buscando o povo eleito evitareis a cruz,
os gumes do exterminio. A pé! Ide encontral-os.
Disseram. Sem parar, deixámos os regalos
da patria e longamente errámos. Nossos pães,
tão fôfos á partida, aos mais famintos cães
causáram tedio agora. Os tumecidos odres
pendem sem vinho; estão calçado e veste podres
do longo vaguear». Caláram-se.
Os hebreus
na ignavia de luctar pelo porvir dos seus,
juram guardar-lhes paz em sacrosanto ajuste.

Discorrem dias tres: é descoberto o embuste:

era vizinho o povo, o chão devido.
Emfim,
vinga Israel o engano: entra Cariatharim,
Caphira, Gabaon, Beroth; e sem respeito,
não cessa de affirmar que o juramento acceito
é fraudulento pacto e sem vigor algum.

«É justo que os Heveus succumbam um por um».
Na colera, que a fraude ateia, o povo brada.
Oppõe-se Josué, protesta a fé jurada.

Mas de Saul ao mando, em desleal tropel,
succumbe, um dia, em parte a escrava tribu infiel.
Apoz Saul David preside á raça hebreia.
A fome em Israel, uma hora farta e cheia,
em dura punição da culpa de Saul,
o povo prostra, como o vendaval do sul
na fecundada leira a loura espiga ao trigo.
Ao santo Rei que chora, em tão cruel castigo,
ensina Deus um dia a prompta expiação,
que ao povo desleal deve lustrar a acção
de, á falsa fé, dar morte a alguns Gabaonitas.
Convoca-os e propõe:
— «A que por vós bemditas
sejam a santa herança e o povo do Senhor,

que requereis? Dizei.»
—«Longe de nós o pôr
esp'rança e refrigerio em ouro ou prata alguma.
Surja Israel e viva. Abraze a morte e suma
e extinga de Saul a casa e a estirpe. Quem
nos triturou succumba e volva ao pó. Ninguem
da polluida raça aos outros sobreviva.
Seja-lhes lousa a cruz».
D'esta progenie altiva,
Mephiboseth sómente evita a expiação.
Soffrem no duro lenho a extrema punição
os filhos de Michol, de Respha, a mãe dolente.

Mergulha a prumo o sol nas brumas do poente.
Do transmontado disco a luz mortiça dá
no pincaro, arduo e nu, do crespo Gabaá.

Ao querulo piar das aves agoireiras,
sumidas no enredar sombrio das balseiras,
no tacito negror dos rijos penhascaes,
haviam diffundido, em lastimosos ais,
os crucifixos réos a vida longamente.

Era na quadra estiva. O segador paciente
ia a ceifar a messe amadurada. O sol
despareceu de todo. Os filhos de Michol
e os dois de Respha envolve a muda noite escura.
De abutres, em cardume, a rija envergadura
desflora a lignea cruz, resvala ao rez-do-chão;
mas impiedoso açoute em feminina mão,
por entre a noite, silva e estala e espanta e agita
o bando que revoa e a revoar crocita.

É Respha attenta e só. O maternal amor
a alenta, enrija, impedra. Abafa na alma a dor,
insomne, desvelada.
Em solitaria penha,
a roupa em desalinho, á solta a espessa grenha,
perpetuamente vela a ineluctavel mãe,
sem que no transe horrendo a esforce, a ampare alguem,
cuidosa em defender, na dor que a dilacera,
os doces filhos seus do tigre e da panthera,
do abutre esfomeado e do chacal voraz.

Sem perturbar com ais a dolorosa paz,
sentada tristemente em cima do fraguedo,
nos filhos pousa o olhar sereno, longo e quedo,
na coxa o cotovelo, o rosto sobre a mão.

No funeral pavor de tanta solidão
não dorme; não descança!
A immane dor a espaços
lhe invade o peito, enerva os fatigados braços,
e irrepremivel pranto ás palpebras lhe vem.
Prorompe a soluçar a retalhada mãe.
Mas ao sentir que chora (o pranto a vista cega)
sacode a fronte, sorve as lagrimas, e esfrega
com despeitoso gesto os olhos: — resurgiu
na antiga rigidez, e impavida bramiu,
ao presentir que além na escuridão persiste
de aza tenaz e longa a sombra longa e triste.

Immota no tenaz heroico empenho, em vão
do azul diffunde a lua o meigo seu clarão;
em vão lhe traz a noite á ignota soledade
o murmurar da vida, os echos da cidade;
em vão da natureza a irresistivel voz
procura dissipar-lhe a longa magoa atroz:
em vão a affaga a brisa embalsamada e mansa,
a embala a ramalhar: não dorme, não descança.
Rasga, prescruta, inquire o seu teimoso olhar,
a escuridão da noite, as solidões do ar,
se, ao tenue balouçar da aragem movediça,
lhe freme o véo que a cinge ou range a cruz mossiça.

Passou a noite; ao longe a rosea antemanhã
de luz crepuscular prateia a vasta chã:
E Respha não descansa.
Impregna o sol de vida
a natureza casta, alegre e renascida,
subiu, dobra o zenith: Respha não dorme, até
sacode ave insistente em vir cravar no pé
de Harmoni hirto na cruz a garra carniceira.

Desmaia á tarde o sol; a noite cae ligeira,
colma de sombra a veiga; accendem-se os clarões,
que no ceruleo manto, ó noite augusta, pões:
e Respha sem dormir.
Vae alta a noite; embora!
Não dorme Respha.
Expira a noite, rompe a aurora.
E vela Respha ainda.
Esvae-se no Senir
a tarde; volve a noite: e Respha sem dormir.

Á noite segue o dia, ao dia a noite unida.
Vae devolvido um mez, a quadra é decorrida:
e a inconsolavel mãe sempre velando está.

No pincaro sem fim do crespo Gabaá
de aves confuso bando eternamente voa,

correndo em desconcerto e vozeando á toa,
quando da mãe sublime, em seu heroico amor,
sibila no ar fremente o açoite vingador.

Seis mezes inda apoz a luctuosa scena,
na penha devotada á extrema expiação,
vireis sentada Respha, intrepida e serena,
na coxa o cotovello, o rosto sobre a mão.

A NOIVA DOS CANTARES

(A Gonçalves Crespo)

I

SULAMITE

Que seu humido labio em que se funde
o halito das flores
em longos beijos minha bocca inunde...

CORO DE PASTORAS

Gentil zagala dos subtis amores,
mais suave é teu collo desvelado
que o paladar de um vinho perfumado.
Que benigna fragrancia se disprende
das aguas que espargiste no teu manto,
no alvor do seio teu, nossos disvelos.
É teu nome o perfume, que rescende
o unguento diffundido em teus cabellos.
Por isso as virgens todas te amam tanto!

SULAMITE

Toma-me; irei comtigo; os teus unguentos
inebriam. Sou tua; és minha vida.
Levou-me el-rei aos regios aposentos.
N'elles debalde tudo a amar convida.

CORO DE PASTORES

Nossos transportes, jubilos, fervores,
fallam do teu encanto.
Mais doces são que o vinho os teus amores.
Como é razão que os bons te queiram tanto!

SULAMITE

Eu sou morena, sou. Queimou-me o ar,
formosas de Sião,
mas linda como as tendas de Cedar,
ou como os pavilhões de Salomão.

Que importa ser morena? Lentamente
da fina tez nevada
bebeu-me a alvura a luz do sol fulgente,
o frio bafejar da madrugada.

Mandaram-me guardar a propria vinha
meus dois irmãos, tornados contra mim.

Obedeci submissa; mas, por fim,
nem mesmo soube vigiar a minha.

Ó tu, zagal querido da minha alma,
por onde vaes pascer tua boiada?
Onde a descanças quando estreita a calma?
Quero saber não vá d'aqui frustrada,
sob o folhedo umbroso dos olmeiros,
apoz os passos de outros pegureiros.

Coro de pastores

É certo que inda o ignoras, ó mais linda
de todas as mulheres?
Vae nas pegadas certas do teu gado;
—bem vês: a primavera o campo alinda—
em quanto o gado bala entre os sinceiros,
ao fundo verde-escuro do vallado,
nas malhadas dos lassos ovelheiros.

II

O pastor

Ó tu, meu casto enleio, ó pomba amiga,
és mais gentil que os rapidos corceis,
que, em densas nuvens de alvacento pó,

reveis ao freio, ao latego reveis,
levam de rastos a espumante biga
do summo Pharaó.

Tinges de aurora a maciez do rosto.
No esmerado lavor de teus collares,
teu collo airoso, airosamente posto,
vence a alvura das per'las singulares.

Coro de pastores

Hão de cingir-te esplendidas cadeias
d'alva prata embutida em ouro fino,
relevando-te o collo peregrino
por sobre o alvor das arrendadas teias.

Sulamite

Pompeia á mesa coruscante el-rei;
aos regios commensaes
sorri no gesto brando e prasenteiro.
No entanto o odoro nardo, que intornei
por sobre mim, cada vez mais e mais,
se evola em torno em delicioso cheiro.

Feixe de olente myrrha é meu amado,
entre os seios me indoida o seu perfume,

intenso como a febre do ciume,
suave como a curva de meu lado.

É escadea; estua a sesta? a sêde acalma.
É meu eleito como
cacho de Engaddi nas purpureas vinhas,
ou da romeira o reluzente pomo.

Noivo

És linda, amiga minha. São, minha alma,
teus olhos como os olhos das pombinhas.

Sulamite

És bello como o Templo, ó meu dilecto.
É nosso leito de cheirosos mólhos.

Noivo

Cedro a parede, fino cedro os solhos.
Brando cypreste o rendilhado tecto.

Sulamite

No florido das campinas,
na esmeralda do relvado,

sou a alva irmã das boninas,
niveo lyrio do vallado.

NOIVO

Como o niveo lyrio brilha
entre a rude urze do chão,
tal esplendes, casta filha,
entre as filhas de Sião.

SULAMITE

Qual macieira que ao silvado
sobreleva a copa antiga,
primas tu, zagal amado,
na pujança de teu ar.
Vou sentar-me á sombra amiga
de seu tronco erecto, umbroso;
mais que um favo saboroso,
me é seu fructo ao paladar.

Vae comigo. Sobre a adega
paira, amor, o teu pendão.
Dae-me fructas, dae-me vinho.
Nas agruras do caminho,
sê-me tu firme bordão.
Pois se amor meus olhos cega!

Poisa a mão em minha lassa,
curva frente;
na outra a cinta estreita abraça
mollemente!

NOIVO

Formosas de Salem eu vos conjuro,
pelos cervos e cabras das campinas,
não lhe turbeis o somno brando e puro...
Em teu macio leito de boninas
dorme, inveja da luz: o somno deve
restituir-te as forças que perdeste.
Ás finas curvas de teu corpo breve,
que doce esplende a cupula celeste!
Passae, sem despertal-a, horas tranquillas,
em quanto vela as languidas pupillas.

SULAMITE *(Extatica)*

A voz do meu dilecto! Eil-o presente!
Ha graças mais divinas?
A saltitar nos cerros doidamente!
a galgar a ladeira das collinas!

Meu amado é tão leve, é tão bonito,
mais, talvez,

do que o enho pequenito,
que o capreolo montez.

Vêl-o escondido atraz d'aquelle muro!
Vêl-o a espreitar-me ás grades da cancella!
A dirigir-me acenos da janella,
que disfarça o folhedo verde-escuro.

Vêl-o que exclama terno:
Tu a mais santa e doce das amigas,
minha casta pombinha, ergue-te, acode.
Vae a fugir o inverno;
a chuva já passou; a terra póde
e sabe já cobrir-se de espessura.
Voltou o tempo amigo das cantigas,
suspira a turturilha na planura;
os pujantes rebentos da figueira
inflam co'a seiva que de novo os cala;
e a fogosa videira,
da flor aberta, ardente aroma exhala.
Ergue-te, amiga minha, vem, escuta.
Rolinha mal sumida na fragura
da penedia bruta,
empoleirada na brumosa agrura
da esguia penha ousada,
deixa-me vêr-te a face desmaiada,
deixa que a voz te escute penetrante.
Que doce voz! que seductor semblante!

NOIVO *(Para o coro de pastores)*

Florece a vinha. Vêde:
Raposas e travêssas raposinhas,
colhei nas malhas, vós, de astuta rede,
que vão roer a flor de nossas vinhas.

SULAMITE

O meu dilecto é meu, do meu dilecto
eu sou: um zagalinho
que apascenta entre os lyrios do caminho
o seu rebanho timido e quieto.
Quando arda a calma, quando a noite venha,
vae descançar na solitaria penha.
Irei esperar-te outra vez,
a ti, zagal mais bonito
do que o enho pequenito,
que o capreolo montez.

Nos cançados coxins da estreita cama,
em que a chorar velava,
procurei, alta noite, a quem mais ama
meu triste peito; em vão; não n'o encontrava.

Pois ergo-me, exclamei, vou procural-o
nos mais fundos recantos da cidade.

Andei por toda a parte a ver se o achava.
Esforçada de amor, na soledade,
suffocava do medo o rijo abalo.
Embalde o procurei: não n'o encontrava.

Encontrei ao dobrar da esquina a ronda;
armada e vigilante,
percorre o povoado somnolento.
Não sabereis dizer-me onde se esconda,
a taes deshoras, meu gentil amante?
Sem responder, seguiu com passo lento.
Mal a tinha deixado, quando vejo
o supremo senhor do meu desejo.
Em meus braços o tenho; é certo; achei-o!
não o largarei de mim, por mais que mova
o ancioso olhar em supplicante enleio,
até leval-o um dia, unido ao seio,
de minha mãe á recatada alcova.

NOIVO

Formosas de Salem, eu vos conjuro
pelos cervos e cabras das campinas
não lhe turbeis o somno brando e puro...
Em teu macio leito de boninas
dorme, inveja da luz. O somno deve
restituir-te as forças que perdeste.

Ás finas curvas de teu corpo breve,
que doce esplende a cupula celeste!...
Passae sem despertal-a, horas tranquillas,
em quanto vela as languidas pupillas...

III

Coro

Quem surge do deserto, bello como
as voluptuosas curvas que descreve
no ar socegado o fumo solto e leve?
De si exhala o penetrante cheiro
da myrrha, incenso, nardo e cardamomo,
dos pós mais sensuaes do perfumeiro!

É Salomão; sentado nobremente
em palanquim lavrado
de cypreste esculpido e rescendente,
de ebano marchetado.

Cerca-lhe o leito intrepida cohorte:
sessenta dos mais bravos
de Israel, formidandos quanto a morte,
submissos como escravos.

De penetrante gladio, ao sangue, á lida
affeitos luctadores,
guardam-lhe a regia fronte adormecida
dos nocturnos pavores...

Fez Salomão de fibras da madeira
do Libano potente,
por mãos de artista, a esplendida liteira
em que passa dormente.

Tem columnas de prata e da mais fina,
finamente lavrada;
o macio de colcha purpurina
veste-lhe a argentea escada.

Da liteira real as coberturas,
franjadas e sedosas,
recamaram as mãos, habeis e puras,
de virgens amorosas.

Noivo

Accorrei, de Sião ó filhas, reclinado
Salomão se avizinha; esplende no diadema,
que a terna mãe lhe impoz no dia do noivado,
nas horas da suprema,
fervente embriaguez d'um peito enamorado.

És linda, amiga minha! são teus olhos
como os olhos das rolas, namorando
no véo que sombra á intensa luz lhes dá!
Teus cabellos cordeiros, que os pimpolhos
das vinhas vão roendo, e retouçando
no val de Galaad.

Tosquiadas ovelhinhas, que do banho
saem co'os filhos, a balar, trementes,
não levando nenhuma no rebanho
menos de dois cordeiros, são teus dentes.

Querida, são teus labios como fio
de purpura phenissa.
A bocca, quando queres, tão submissa
domina, se desejas: eu senti-o...

Sob a crepuscular escuridade
de véo tecido da mais fina lã,
a rubra face esplende-te, metade
de cortada romã.

Teu colo é como a torre edificada
de el-rei David, terrifico arsenal,
d'onde pendem fulgentes os arnezes,
a triplice rigeza dos pavezes
que vestem dos heroes o peito colossal.

Surgem teus seios tumidos e tesos,
travêssos gemeos de gentil gazella,
a pascer entre os lyrios, indefesos,
á attenta luz dos longos olhos d'ella.

Mal entibie a sesta, mal o dia
desmaie no poente,
ir-me-hei pé ante pé, devotamente,
co'o respirar suspenso,
para o monte de myrrha que inebria,
para a collina de votivo incenso.

És linda, amiga minha. Na garganta
que eburneo alvor! que brio no teu geito!
A altivez em teu gesto se levanta
como o sol d'entre a nevoa. És sem defeito.

Vem para mim, noiva querida e terna,
vem para mim do Libano frondente,
do cume do Amaná, do pico albente
do Senir e do Hermon, da atra caverna,
onde arrastam leões seus passos tardos,
do pincaro onde tem morada eterna
frendentes leopardos.

Lanhou-me o coração, querida amiga,
lanhou-me o coração, de teus olhares

um só e breve olhar,
uma só das madeixas que desliga
a tua mão formosa, e solta aos ares
beija-te ao collo a curva singular.

Seduz teu santo amor, noiva, senhora.
E o languente roçar do teu carinho
enleva mais que taça tentadora
a trasbordar de vinho.

O rescender oloroso
de teus unguentos me é caro,
quanto o balsamo mais raro,
e o oleo mais precioso.

Os teus labios rubescidos,
noiva minha, estillam mel.
Tens leite e mel escondidos
em tua bocca fiel,
em teu amor verdadeiro.
É o cheiro de teus vestidos,
como do Libano o cheiro.

Horto murado é a minha noiva amada,
disvelo de disvelos;
é nascente cerrada,
cerrada rijamente a sete sellos.

É cerrado pomar onde a romeira
casa seu fructo aos mais formosos fructos;
verga seus cachos ebrios, dissolutos,
a enroscada videira;

nardo, myrrha, açafrão, canella ardente,
cem arvores copadas e tamanhas,
unem-se ao aloes largo e rescendente,
ás plantas de fragrancias mais estranhas.

É fonte n'um jardim vasto, odoroso,
d'agua nascente e viva,
regato que deriva
do Libano frondoso.

SULAMITE

Erguei-vos, aquilões, erguei, ó notos,
o vosso alento absorto;
espargi do meu horto
os aromas ignotos.

Entra agora, ó doce amado,
entra agora ao teu pomar,
colhe o fructo sazonado,
se te é grato ao paladar.

NOIVO

Entrei, noiva formosa,
entrei ao meu vergel,
o balsamo colhi, a myrrha lacrimosa,
o favo a gotejar de redolente mel.
Bebi o leite e o vinho
no festivo espumar das taças trasbordadas;
comei, amigos meus, bebei, meus camaradas;
adormecei de amor no ebrioso desalinho.

IV

SULAMITE

Durmo, embora, meu peito aguarda attento.
Escuto. É meu dilecto. Vem dar mate
ao meu enlevo. Á porta bate e bate.
—«Abre-me, rola amiga, immaculada.
Trago humida a cabeça do relento,
e os cabellos, que beija o brando vento,
gotejam ensopados da orvalhada».

—«Jaz desvestida a tunica de linho
sobre meu leito, esposo.
Pois hei de pôr a tunica outra vez!

Os pés lavei ha pouco, e no caminho,
erguendo-me do leito, não, não ouso
sujar de novo os pés».

Metteu a mão, ouvindo-me, sumida
pela greta da porta,
com geito vagaroso e ar tranquillo;
senti-me commovida
cá dentro, quasi morta
de sentil-o.

Ergo-me á pressa, á pressa, anciosa, piso
o escurecido solho.
Corro a abrir-lhe a cancella mal cerrada...
Myrrha estillava, myrrha perfumada,
o punho escuro e liso
do roliço ferrolho.

Recorro-o anciosa: escuto para fóra.
Olho: ninguem. Chamei-o.
Nem viva alma na rua a tal deshora.
Tudo mudo. Fugira como um gamo
tomado de receio...
Desmaio. Sinto-me outra: não sou eu.
Peço piedade, chamo, chamo, chamo...
Ninguem me respondeu.

As rondas vigilantes da cidade,
encontrando-me só,
confiadas na segura impunidade,
bateram-me sem dó.

No circuito vastissimo dos muros
as vigias postadas,
com gestos e olhos avidos e impuros,
arrancaram-me os véos entre risadas.

Na minha dôr vos peço,
formosas filhas de Jerusalem,
se virdes o meu bem
acaso na cidade,
asseverae-lhe todas que langueço
de amor e de saudade.

As filhas de Jerusalem

Que mais vale entre os homens teu dilecto,
formosa entre as formosas,
para que assim, nas trevas silenciosas,
o vás buscando n'um fremer inquieto.

Sulamite

É meu bem de brancura mais fulgente
que a neve das alturas;

a tez de seu semblante alva e rubente
vencera a mais gentil das creaturas.
A fronte é de ouro da mais fulva côr;
os cabellos, pimpolhos das palmeiras,
tão negros quanto as azas agoireiras
do corvo grasnador.

Seus olhos são pombinhas assentadas
á beira da corrente,
rolinhas que se banham mollemente
em vasilhas de leite trasbordadas.

As finas faces são fino canteiro
de muitas flores, quando
da corolla fragrante
rescendem todas precioso cheiro;
os seus labios são lyrios estillando
a myrrha lacrimante.

As mãos são anneis de ouro em que se engasta
de Tharsis a mais rara pedraria;
os rins leve marfim de alvura casta
colmado de saphiras, como o dia
coruscantes e iguaes;
as pernas contornadas
são columnas de marmore pousadas
em aureos pedestaes.

Iguala em graça o Libano cheiroso,
vence em vigor o cedro mais annoso,
de mais folhuda rama.
Que de doçura no dizer derrama!
O seu garboso aspecto
respira o incanto mais perfeito e são!
Assim é meu dilecto,
formosas de Sião.

As filhas de Jerusalem

Por que lado tomou teu doce amigo,
formosa entre as formosas?
Vamos todas unidas, pressurosas,
procural-o comtigo.

V

Sulamite

Desceu meu doce enlevo ao seu jardim;
divaga de pomares em pomares,
a apascentar seu gado:
entretece dos lyrios, que nos ares
vertem seu casto aroma embalsamado,
raminhos para mim.

É meu, sou d'elle só, como do vento
é a hastezinha lenta.
Lá vem a apascentar o manso armento,
tosando a relva tenra que o sustenta.

Noivo

És linda, amiga minha, como é linda
a cidade de Thersa,
como Jerusalem.
Suave em teu sorrir de graça infinda,
terrivel qual manipulo em batalha,
que os esquadrões hostis entra e dispersa;
doido tufão varrendo a solta palha,
que inerte vae e vem.

Não me fites! O lume de teus olhos,
que turvações me dá!
Teu cabello é rebanho entre restolhos
no respigado chão do Galaad.

Manso bando de ovelhas que do banho
saem co'os filhos, a balar, trementes,
não levando nenhuma no rebanho
menos de dois cordeiros, são teus dentes.

Sob a crepuscular escuridade
de véo tecido da mais fina lã,

a rubra face esplende-te, metade
de cortada romã.

São sessenta rainhas, são oitenta
graciosas concubinas;
de virgens um sem numero se ostenta,
como as espineas urzes das campinas.

É unica porém a minha rola
gentil d'amor, e noiva intemerata.
Compraz-se a mãe benigna em presuppol-a
a gentil das gentis;
das formosas a turba a applaude e acata;
proclamam-n'a as rainhas a feliz.

SULAMITE

Quem na orla do horizonte se levanta,
cingido como o vir da madrugada,
em formosura tanta,
gracioso como o sol ou como a lua,
que á noite o brilho enamorado espalha;
terrivel, como espada,
assacalada e nua,
como hoste armada na campal batalha?

Entrára ao meu nogal, prompta e ligeira,
a ver as tenras ervas do vallado;

se a vinha germinava, se a romeira
fulgia ao sol o fructo avermelhado.

Imprudente! que fiz! Fui encontrada
do sequito fulgente
do voluptuoso rei! Triste coitada!
Imprudente! imprudente!

NOIVO

Pois vaes-te de corrida!
Porque foges assim!
Pois não te prende a minha voz sabida?
Ó meiga Sulamite! ó minha vida!
Porque foges de mim?

SULAMITE

Que tem que ver a Sulamite obscura
a par das danças de Mahanaim?

NOIVO

Como teu pé subtil ri da apertura
da pequenina abarca!
A curva de teus rins, suave e pura,
em que repasço a vista,

ó filha d'um monarcha,
iguala a curva d'um collar, feitura
da primorosa mão d'um grande artista.

Teu seio é taça arredondada, toda
a trasbordar de vinho perfumado,
montões de trigo o ventre, todo em roda,
todo em roda, de lyrios semeado.

São teus seios as gemeas da gazella,
gentis e pequeninas.
Teu esbelto collo torre erguida e bella,
de alvissimo marfim.
Teus olhos as piscinas
a par de Bath-robbim.

É teu nariz a vigil cidadella,
no Libano frondente
sentada: eternamente
do lado de Damasco attende e vela.

A tua fronte iguala a do Carmello,
quando nas chammas do poente, acceso:
como fios de purpura, o cabello
de cuja trança um rei suspira preso.

És bella, ó doce incanto!
De teu divino amor

bem sabes que me é doce, e tanto e tanto,
aos labios o sabor.

No talhe és comparavel á palmeira,
alevantada e bella.
Teus seios, cachos d'ella, e os cachos d'ella,
como os colhera a minha mão ligeira...!

Entumece o teu seio arredondado,
como o fructo da vinha;
é teu halito o cheiro, amiga minha,
o cheiro delicado
da maçã que no tronco amadurece;
a tua bocca, vinho perfumado
que docemente estilla e que humedece
de fino amante o labio desmaiado.

SULAMITE

Eu sou de meu amado, e meu sómente
é elle, o meu dilecto.
Oh! vem comigo ao solo rescendente
das campinas em flor! Ao lar quieto
na aldeinha modesta.
Erguer-nos-hemos de mansinho, quando
alvejar a manhã
na entrecerrada fresta;

iremos ver se já vão germinando
nas cepas os renovos e se os ninhos
vão já na fresca sombra papeando...

Lá te darei, ó esposo, os meus carinhos...
A amorosa maçã
disprende emtorno o alento embalsamado;
junto de nossos lares
sobram, descansa, as fructas singulares...
Todas guardei para meu doce amado...

Se fôras meu irmão, se o mesmo seio
sugáramos os dois, com que meiguice,
quando te visse fóra,
te vestira de beijos, sem receio
que alguem me desprezasse, como agora
se de beijos as faces te vestisse.

Vem a meu pobre lar,
ao lar de minha mãe; n'elle a meu lado
me serás mestre e guia,
e has de beber um vinho perfumado,
ardente como o dia,
e o succo das romãs do meu pomar.

Poisa a mão em minha lassa
curva frente,

na outra a cinta estreita enlaça
mollemente.

Noivo

Formosas de Salem, eu vos conjuro
pelos cervos e cabras das campinas,
não lhe turbeis o somno brando e puro.
Em teu macio leito de boninas,
dorme, inveja da luz: o somno deve
restituir-te as forças que perdeste.
Ás finas curvas de teu corpo breve,
que doce esplende a cupula celeste...
Passae sem despertal-a, horas tranquillas,
em quanto vela as languidas pupillas.

VI

Coro de pastores

Quem surge do deserto
reclinada no seio palpitante
de seu feliz esposo?

Noivo

Sob a macieira em flor teu somno esperto.
Nasce ao amor n'este horto mudo, umbroso,

onde, ó ente perfeito,
a luz te viu em teu primeiro instante.

SULAMITE

Eu sou seguro sello, assenta-o no teu peito;
eu sou manilha de ouro, enrosca-a no teu braço;
o amor é, como a morte, augusto, vasto, eterno,
sem termo, como o espaço.

Arde a paixão, como arde eternamente
o inflexivel inferno,
em sempiterno horror;
seus brandões são brandões de chamma ardente,
como as settas do fogo omnipotente,
que vibras, ó Senhor!

Não lográra apagal-o um oceano,
nem as aguas dos rios, das represas,
nos montes e no chão.
Se pretendes á força de riquezas
vencer o amor, engano
recolherás eterna confusão.

CORO DE PASTORES

É nossa irmã tão moça que no seio
mal a sombra das pomas lhe apparece;

se acaso alguem quizesse
ser-lhe á fraquesa devotado esteio...

Se é muro altivo e forte n'elle vamos
abrir ameias de arrendada prata,
de geito gracioso;
se é porta franca e pouco se precata,
fechemol-a com ramos
de cedro precioso...

SULAMITE

Fui sempre rijo muro; no meu seio
erguem-se as finas torres da firmeza,
dês que meu esposo veio
dar paz a esta alma em vivo amor accesa.

Tem Salomão uma fecunda vinha,
que a vigilantes guardas confiada
dá mil ciclos de prata.
Tenho tambem a minha,
que ninguem mais do que eu cultiva e trata
com cuidados attentos.
Dá a Salomão mil ciclos e duzentos
aos guardas de quem sempre foi guardada.

VII

NOIVO

Gentil, que passas no vergel cerrado,
esperam-te meus caros companheiros,
impacientes de ouvir entre os sinceiros
a tua voz fallando ao doce amado.

SULAMITE

Acode, ó mais querido dos esposos,
vence a fugaz cabrita,
vence o enho que saltita
no monte dos aromas preciosos.

ANTIGOS

CORTEJO DE BACCHO

(A Ramalho Ortigão)

Por mezes e mezes as grutas do Menalo,
de Nysa procaz,
com roncos estrugem frementes guerreiros,
as cimas pulsando dos crespos outeiros,
nos sacros recintos do Vinho, da Paz.

Inclinam minazes as frontes cornigeras
os lubricos Pans;
mil Ménadas bravas, cingidas de cobras,
consomem, em longas guerreiras manobras,
co'as as tardes estivas, as frias manhãs.

As Nayades travam de aljavas, os Dactylos
escarvam o chão.
Sileno, tumente dos annos e vinho,
exerce ás carreiras o tardo burrinho,
bojudo velhusco de thyrso na mão.

Retinem continuos sonoros triangulos;
de eternos clarões,
de noite, rebrilham as selvas palreiras;
ajustam ás frontes fulgentes monteiras
Kuretas sentados em fulvos leões.

Ouvira Dionysos de terras longissimas,
sombrias e más,
a cuja lascivia succumbe Cythera;
de monstros mais feios que a horrenda Chimera,
das louras Golcondas de baços radjás;

de ascetas a cujos fataes monosyllabos
se apagam nos céos,
ou dançam os astros convulsas choreas;
de Devas que zombam de numes e deas,
de Olympos e Tmolos, de Cypria, de Zeus.

Por isso o cortejo do filho de Semele
na faina vem, vae;
e Iacchos, o louro patusco, se affana;
é justo que essa India, remota e magana,
moteje Dionysos, desdenhe seu pae?

Esfalfam-se as flautas e tibias e tympanos
urrando: de pé!
Acodem aos saltos, desnudos, borrachos,
levando d'um trago crateras e cachos,
dez mil Corybantes. Lyeu! Saboé!

Caudilho das hostes, avança o thyrsifero
phrenetico Pan,
untado do mystico gypso, em panthera,
regida por loros de parras e de hera,
ao som dos tambores rufando tam-tam.

Pelludos, raivosos Molossos precedem-n'o,
em cavo latir;
no peito vinoso, mamudo, que agita
couraça de vides, o Panico habita,
que os bravos despenha n'um doudo fugir.

Ante elle as phalanges desprendem unisono,
bravio clamor;
perfilam-se, erguidos os thyrsos frondentes,
de mosto barrados os gestos frementes,
impados os ventres do rubro licor.

Acena e prorompem na marcha fatidica
ao estranho paiz.
Atroam os ares pandeiros, timbales.
Rebramem nos cerros, echoam nos valles,
ferrinhos, avenas, flautins, tamboris.

Em filas cerradas, laçados de pampanos,
hirsutos leões,
jumentos e touros, cabritos, pantheras,
arrastam, berrando, barris e crateras,
e rytons que cingem virentes festões.

De peitos á vela, furentes Mimallones,
do larice á luz,
amparam, torcendo-se em geitos impuros,
pesadas canastras de figos maduros,
em capros que á trela Silvano conduz.

No centro, em cardumes ferventes, as Clodones
gentis, sensuaes,
se estorcem desnudas, esparsas as comas;
os saltos sacodem-lhe' as tremulas pomas,
que sugam dos bodes os beijos brutaes.

Em touros, nas alas, cavalgam os Satyros,
em solto correr;
Bassarides nuas, ungidas de nardos,
galopam montadas em cem leopardos,
batendo-os com serpes a rijo bater.

Nas azas torcidas dos cantharos, viboras
se enroscam aos nós.
Retumbam pandeiros, timbales e sistros.
Telchinas retorcem esgares sinistros,
meneam Cyclopes horrificas mós.

Involtos nas betas de fulgidas nebrides
escoltam Lyeu,
Edoinos, aos gritos, n'um bode felpudo,
guiando Paniscos Acrates galhudo,
e o bebado Comos que o thyrso perdeu.

No carro que tiram Bacchantes e Nayades,
em ebrios montões,
Dionysos, de comas ceruleas, pompeia;
provoca-lhe o riso, lasciva choreia
de Mellias vibrando fumosos brandões.

Ao lado, escondidas em casco belligero
de parras as cans,
Sileno mal póde suster-se no burro,
que outr'ora espantava co'os echos do zurro,
nas guerras dos deuses, os velhos Titans;

mas hoje recurvo, cançado, vae tropego
da vista e da mão;
tropica e estatela por terra o velhusco,
que ás vaias em coro, pançudo e patusco,
seguro inda á infusa, rebola no chão.

Ridentes o beijam, soerguem-n'o as Menades:
— Eh! Padre! de pé!
De novo o escarrancham no pardo burrinho.
O sacro cortejo retoma o caminho.
Hereticas Indias, tremei. Évohé!

A MORTE DE HEITOR

(Á Sr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho)

Baqueia Heitor ás mãos do armipotente Achivo.
Pousa na terra exangue. Entre o acclamar festivo,

insulta o vencedor, fero, raivoso, insano,
o extremo supplicar do semideus troyano.

Jura leval-o a rojo, astricto á ferrea biga,
do exanime Patroclo á sepultura amiga;

mas, despojando o heroe do bronzeo arnez que outr'ora
cingira ao doce extincto, amargamente chora.

Cada pelasgo rei, firmada a mão na lança,
treme de Heitor prostrado ante a viril pujança.

De Ilion a cerca altiva, a cauta cidadella,
gemem no uivar da turba, urram nas vozes d'ella.

Priamo, curva a fronte, em lucto e magua absorto,
do thessalo minaz implora o filho morto.

Hecuba, a mãe plangente, em dó tão fundo e tanto,
não tem nos labios voz, só tem nos olhos pranto.

Andromacha, do olhar amortecido o brilho,
ao seio mudamente aperta o amado filho,

cuja pequena mão procura, em vão procura,
do pae que já não tem as plumas e a armadura.

Sereno em tanta dor, tantissima agonia,
é só de Heitor exangue a fronte albente e fria.

Na ineffavel mudez da bocca inanimada,
igual á luz do azul, se a timida alvorada

vem lentamente abrindo as portas do oriente,
dulcissimo sorrir paira suavemente.

É que antes de encetar na arena a lucta fera
chamára o filho seu, nos braços o trouxera;

e do fatal Pelide o ferro penetrante
ferira-o justamente onde o ridente infante,

sem presentir o mal que o fado lhe destina,
mais vezes conchegára a bocca pequenina...

A SESTA DE LYDIA

(Ao Visconde de Castilho, Julio)

Raiva fogoso o sol. Lydia, a romana, a bella,
no stragulum purpureo, alva e desnuda, vela.

A par do eburneo leito, Aglaia, a escrava argiva,
a cuja voz que inleva, uma saudade viva,
a dor da patria ausente, os quebros amacia,
em modulo subtil que, na puericia, um dia,
ouvira descantar a divinal rhapsodo,
ao canto os sons da lyra unindo, ao patrio modo,
entoa da ama insomne os feminis louvores.

Do fulvo Cão Icario aos rabidos ardores
veda a opulenta quadra, em cem mosaicos raros,

nitente jaspe eóo, o marmore de Paros,
nos muros, pelo chão; e limpida e palreira,
no lago que a repucha, e em liquida poeira,
a esparge no ambiente, a lympha perfumada.
Em molles pregas pende, e ao sol denega entrada,
no vão da ampla janella, a purpura phenissa.
O tepido ar se embebe em vaga luz mortiça,
igual á que abre a esphera antes do sol ser nado;
o esculpido marfim do senhoril estrado
em muda felpa involve attalico tapete.
Caçoulas de alvo onyx, balsamico pivete,
a fumegar nas mãos de zagalinho de ouro,
lavor de artista eximio e dom d'um consul louro,
repassam de molicie os intimos sentidos.
Em indicos cristaes os philtros mais sabidos
em mitigar no somno ancias, rancores, pranto,
no citreo velador exhalam seus encantos.
Em vão!

Da culta Lydia o corpo morno, immoto,
refeito, sensual mais que o Mygdoneo loto,
involto em gasa aerea, em gasa que, de fina,
fôra da Idmonia Arachne inveja á mão divina,
repousa desvelado em morbida postura.
No laudaticio carme, a lyra argentea e pura
do pulvinar macio o brando somno affasta.
Tentou mandar talvez á argiva musa: Basta!
Mas enleada a voz em crebros ais lhe expira.

Subito novo thema enceta a grega lyra:
Daphne conversa uma hora em triumphal loureiro.
«Do arcitenente deus foi Daphne o amor primeiro.
Mas surda sempre, Idalia, a teus carnaes instinctos,
da asperrima floresta os cegos labyrinthos
só folga em recorrer; o montear fragueiro
jámais logrou cançar-lhe o breve pé ligeiro.
Divisa-a, um dia, a monte: arde, requesta-a Apollo.
Foge-lhe, encalça-a; voa... É d'elle! O patrio solo
implora Daphne, implora o grão poder paterno:
—Valei-me, ou sepultae-me o pobre ser interno
em novo estranho ser!—Disse, e estremece, hesita,
desmaia, pasma, está: em rude corcha habita;
vão-se-lhe os braços nus em murmura folhagem,
que, ao resfolgar do deus, como á nocturna aragem
a rama do sinceiro oscilla, oscilla e pende.
Phebo que a dor dementa: Espera, ó Daphne! e estende
a embaraçar-lhe o encanto a anciosa mão convulsa.
É tarde; apalpa um tronco; o peito que inda pulsa,
pulsa na rija casca; aos beijos — mil lhe deste —
alguem fremeu, mas de entre o lenho que a reveste».

Assim descanta Aglaia. A Lydia lentamente,
vago torpor a invade, absorve... De repente
da escrava incauta á voz torna o louvor primeiro:
á fronte que descansa em plumeo travesseiro,

ao seio arcado, igual á casta neve alpina,
á curva singular da coxa alabastrina...
Intenso amor de si tal gabo em Lydia ateia.
Desperta.
Na parede a par de Galathea,
que espanta um Pan ridente, ebrio, procaz, lascivo,
de Io, a novilha nivea, em vaguear furtivo
fugindo de Hera ultriz ao immiserando assedio,
fingira experta mão de Europa o summo, o nedio,
o branco, audaz raptor; n'elle a agenoria dama
ás virgens que na praia a carpem, chama, chama,
sem voz, co'o longo olhar; uma das mãos ageita
ás pontas de marfim, com a outra, em vão, sujeita
da tunica ondulante as dobras que incha, infuna,
desfralda a viração; e á vaga que, importuna,
lhe roça e palpa e oscula a fimbria de alvo linho,
retrae, sumindo-o em si, o trepido pézinho...

Aglaia canta... A Lydia um quasi-somno amigo,
vago, incipiente, aereo, a leva ao tempo antigo.
Sente-se Europa, doma albente, humilde touro:
Jove, não é; que importa? é Fulvio, o consul louro,
o imberbe mais gentil de que se ufana Roma!
Açouta-lhe a cerviz co'a longa ungida coma;
pasma do manso olhar; co'a mão macia e branca
lhe affaga voluptuosa a molle curva da anca...

Rompe de novo o thema a desastrada Aglaia.
E Lydia que entrevê no sonho a fulva praia
da amada Creta sua e teme ver disperso
d'esse amoroso sonho o escorço vivo e terso,
em gesto preguiçoso e longo e molle e mudo,
embebe-lhe no seio o seu estylete agudo...
Exsurge Aglaia; a tez cobre-lh'a dor immensa;
das mãos lhe escapa a lyra; obumbra a noite densa
seus vagos olhos; cae no sangue que espadana...

Mas em seu toro ostrino a sensual romana,
sem recear-se já da voz que a desvanece,
na rubra morbidez da purpura adormece,
crendo tatear co'a mão, humida, anciosa e branca,
do touro que subjuga a fina curva da anca...

BOA

(A José Thomaz de Sousa Martins)

Não tem mais doce olhar, mais negra e espessa coma,
nos antros da Suburra a dissoluta Roma.

Venus, a Mãe da Graça, a Eterna Formosura,
lhe inveja ao collo eburneo a curva airosa e pura.
Menos gentil resvala a nuvemzinha vaga,
que a lua, em plena luz, tranquillamente affaga.
Se immota está, em mudo enleio o olhar suspenso,
crereis feitura tal primor de artista immenso.
Flavio ousára apostar vinte talentos de ouro
que, ao vel-a perpassar no clamoroso Fôro,
volvera-se á mudez o mais loquaz sophista.
Trancára o proprio Sylla a mais sangrenta lista,

por oscular-lhe a fimbria á tunica indiscreta.
Prostrára um riso d'ella o mais nervudo athleta.
Sempronio jura, a rir das deusas uma a uma,
que no ondulante Egeu brotou da glauca espuma,
ao doce modular dos mais formosos hymnos.
Que um rogo seu volvera o curso dos destinos,
firmava, em tom presago, haruspice toscano.
E, ebrio e amoroso, Phormio, em seu fervor profano,
teimava, ao estralejar de exclamações obscenas,
que outr'ora, a par de Athene, a venerára Athenas.

Na alma de Boa raiva inextinguivel chamma.
Ama a atheniense escrava, e com que estremos ama,
a Caio, o esbelto, o heroico, o summo, o dissoluto,
que toros mil em Roma encheu de infamia e luto:
o olhar, que não domára o ferreo olhar de Sylla,
e, marejado em pranto, ignotos meis estilla;
a voz que a plebe enleva, enleva e abala a Curia,
no rebramir potente iguala o mar em furia,
e, no intimo dizer, tem vibrações tão finas,
como o collo subtil das aves pequeninas;
a mão que avassalára, em porfiada lucta,
caspio tigre minaz, fulva leoa hirsuta,

e, quando a ameiga amor, affaga em seu carinho,
como oscular de infante, ou o brando arfar d'um ninho...

Vira-o, da vez primeira, em casa de Messala,
de seu brutal senhor.
A jaspeada sala
echoa ao retinir festivo das crateras,
ao rir dos commensaes engrinaldados de heras,
tumentes de Falerno.
Ao senhoril aceno
assoma a altiva Boa. Ulula o espanto obsceno,
crepita o rir lascivo...
Aos sons da argentea lyra
enlaça Boa a voz... Mais doce não suspira,
nos umbrosos myrtaes do murmuro Cephiso,
plangente philomela.
Ao ver-lhe o mesto riso,
o voluptuoso olhar, que em seu olhar descansa,
e exora docemente alento, abrigo, esp'rança,
arranca uma haste Caio á languida capella
de heras e myrto e enlaça-a ás negras tranças d'ella.

Á noite, na erma alcova, á fria luz da lua,
Boa, no mudo leito, insomne e seminua,

oscula a debil haste e, em seu dolente encanto,
embebe-a longamente em silencioso pranto...

Disse Messala um dia a Caio Julio: É tua!
Á alvoroçada escrava o coração lhe estua
indomito prazer. Caio á gentil deidade:
«Volvo-te á luz, lhe diz, á patria, á liberdade.
És tua.»

Estruge viva, ardente, infrene, a orgia.
A todos sobreleva em graça e galhardia,
no vinho, no dizer, no jogo, Caio Julio.
Co'os maridos de Roma, o fatuo consul Tullio,
o gaio chalrear d'um conto dissoluto,
no atticismo subtil do phraseado arguto,
seduz, enleia, pasma os joviaes convivas.
Do avaro Fulvio arranca exclamações prantivas,
e, a cada relançar dos dados, um talento:
a annoso senador, pasmado e temulento,
rediz da occulta amada as prendas e os defeitos:
expõe, com maestria, os solidos preceitos

de bem traçar a toga e avassalar imperios;
e como, profanando altissimos mysterios,
lográra haver, um dia, alguem mui cara a Clodio.
Este prorompe, ouvindo-o, ebrio de vinho e de odio;
arremetteu brutal. Caio, com geito e brio,
sustem-lhe no ar o braço e, em borrifado Chio,
lhe inunda a calva, ao som de estridulas risadas.

Franjavam-se ao nascente as nevoas esgarçadas
de bruxuleante alvor: Caio deixára a orgia.

No portico a immergir no alvor do novo dia,
a marmoreo pilar unida a fronte, pousa,
adormecida estatua em deslembrada lousa,
ao frio da manhã, um vulto feminino.
E Caio memorou que, em mais d'um flebil hymno,
desavisado nume, expulso cruamente
da olympica mansão, vagou quasi indigente
dos simplices mortaes a mendigar o amparo;
riem-lhe tradições de jovial descaro
da augusta bisavó de sua estirpe, Venus;
e festival tropel de sonhos mil obscenos
lhe assalta repentino a louca phantasia...

Mas n'esse vulto em breve, — alveja ao longe o dia, —
a doce Boa adverte. É ella! a quarta Graça!
Albente braço a Caio o collo esbelto enlaça;
e, entre o crespo ondear de tranças rescendentes,
chovem de ancioso labio os osculos frementes...
— Por Venus! Boa, és tu!
— Eu que te adoro, Caio,
co'o chammejante ardor, co'o funeral desmaio,
cruissimo condão dos entes infelizes...
— Que pensas, doce amor? Boa gentil, que dizes?
— Pertenço á infamia, ao mal, desde o vagir do berço.
Ninho gentil de amor em tremedal immerso!
Á impudicicia astricta, escrava da alegria,
chorava — e quanta vez! — quando ninguem me via...
Desceu-me só de ti um raio de piedade...
Mas que importava á escrava a patria, a liberdade?
A morte, sim! e a morte achei-a emfim — e rio...

Scintillam-lhe na face as lagrimas em fio.

— Não chores, Boa. És bella! és nova...!
— Caio, escuta:
Uma thessalia saga, em penhascosa gruta,
por Hecate triforme e o stygio horror jurou-me
que logrará, co'o mundo, immorredouro nome
aquelle cujo amor me leve alegre á morte.
Sou fraca, humilde sou, tu, venturoso e forte.

Pois bem, a pobre escrava, a despresivel Boa,
do avassalado mundo a Caio offerta a c'rôa.
Tu da expirante Boa um mundo acceita ao menos.
Não sintas dó de mim; possuo taes venenos
que matam n'um sorriso; e morrerei contente
se piedoso o fado acaso me consente
soltar o alento extremo em teu amado seio...»
Caio estreitou-a ao peito em doloroso anceio.
Co'o turvo olhar, banhado em infantil meiguice,
Boa: — Morro feliz! morro feliz! lhe disse.
No derradeiro esforço a bocca moribunda
uniu aos labios d'elle: um riso doce a inunda.
Aconchegou-lhe ao peito a mão tremente e fria.
Inclina lentamente a fronte inanimada...

Cantavam pelo azul as aves da alvorada;
jorrava sobre o mundo alegre luz o dia. .

MODERNOS

A BOCETA DE D. JOÃO II

(A João de Andrade Corvo)

No ataude revolto em negro terciopello,
de custoso damasco á sombra da alva cruz,
jaz morto el-rei. De lucto armou vendido zelo
da lageada quadra os vastos muros nus.

No altar fronteiro ao esquife as vellas da banqueta
banham-lhe a atra mudez em seus clarões trementes.
Nu tudo; apenas surge, á beira, uma boceta,
sobre buffete enorme, entre brandões ardentes.

É de ebano esculpido; em partes frusto e gasto;
os feixos de ouro fino; espheras de cristal
sustêm-lhe o corpo negro e mysterioso e casto.
Não luz no regio erario outra boceta igual.

Casos da historia antiga e passos da Escriptura
unem-se em livre amplexo a Jupiter, e a Dido.
Na muda solidão, durando a noite escura,
ululam-lhe no seio os echos d'um gemido...

Por toda a parte e sempre a cobiçada chave,
sem se atinar porque, jazera a par d'el-rei.
Se a inquire attento olhar, a arqueta austera e grave
parece retrahir-se e murmurar: Não sei.

Narravam por serões donzeis e cuvilheiras,
em voz submissa e cauta, as mais lendarias scenas.
Teimava mesmo alguem que a haviam feiticeiras
fadado ao rouco som de horrendas cantilenas;

que a mais funesta essencia, os philtros mais violentos,
que a amor dão novo alento e vida a extinctos dão,
são brincos infantis, são vãos encantamentos,
a par de tal boceta, ao pé de tal condão.

Os pagens mais gentis, as damas mais cortezes,
o fero campeador, o luctador braceiro,
se tinham de passar por junto d'ella, ás vezes,
entrados de terror, benziam-se primeiro.

Politico sagaz, que em reflectir descansa,
das lendas desdenhoso e do vulgar pavor,
pensando na prisão do duque de Bragança,
no inutil refugir do bravo Montemor,

nas vãs conjurações, nas enredadas tramas,
que sempre aventa a el-rei a mente experta e fria,
sabendo do terror dos pagens e das damas,
sem penetrar-lhe o arcano, astutamente ria.

Prelados de conselho e de capellos varios,
sabidos *in utroque* e no fingir subtis,
ao ver que, em rude embate, os grandes donatarios
baqueiam da mão regia ás forças e aos ardis,

recontam gravemente a lastimosa historia
d'uma relapsa hebrea, impenitente e bruxa,
que loucamente amava o infante e, por memoria,
lhe dera, ao vir da morte, a lacrimavel ucha.

Quanta vez, alta noite, á chamma pardacenta
da lampada real, se pousa ausente el-rei,
á flux a asperge hissope immerso em agua benta,
ao soluçado som do: *Miserere mei!*

E assim gentis donzeis, as donas mais cortezes,
o monteador audaz, o impavido guerreiro,
fugiam de passar por ella, quantas vezes,
e havendo de a fitar, benziam-se primeiro.

. . . . . .

Na fatal noite, dois de seus leaes vassallos,
o Dom Prior do Crato e o santo Bispo Ortiz,
de vela ao morto rei, tentando prescrutal-os,
contemplam da impia arqueta os amagos subtis.

Igual tenção, mui santa, aos dois fieis invade:
talvez que em tal negror se esconda a atroz peçonha,
que, d'uma vez, roubou á vida, á mocidade,
Goterres e Garcia. A essa ultima vergonha

furte-se a extincta Alteza. Ha ahi dever mais santo?
Seja á boceta lousa o revoltoso mar.
Cesse, que é morto el-rei, o luctuoso encanto...
Em tremulos clarões oscilla o esquife e o altar.

Com vacillantes mãos e alvoroçado peito,
orando sem cessar pelo grão rei finado,
o respirar suspenso e cautelloso o geito,
abrem tremulamente o argenteo cadeado.

Acode-lhes á mente, em sanguinosos traços,
a morte que um Bragança outr'ora padeceu,
rispida mão prostrando, em realengos paços,
a golpes de punhal, o duque de Vizeu...

Eis o feitiço atroz, as mostras do flagicio...
Não! acham meramente os pobres servidores
lido confissionario, asperrimo cilicio,
de usada disciplina os nós castigadores.

Fitam-se longamente attonitos, confusos!
E o hissope? e a agua benta? e o *Miserere mei?*
E as lendas á lareira, ao volutear dos fusos...?
Em plumbeo somno pousa entorpecido el-rei.

Contemplam-no em silencio: o gesto é mudo e escuro;
o peito, inerte e frio; a fronte, lisa e larga.
Mas, no livor sinistro, o labio estreito e duro
crispava tristemente uma ironia amarga...

VASCO NUNES DE BALBOA

DESCOBRINDO O PACIFICO

(A Manuel Pinheiro Chagas)

> Primeramente el señor Vasco Nuñez, y él fué el que primero de todos vido aquella mar é la enseñó a los infrascriptos.
>
> (*Hist. Gen. e Nat. de las Indias*, per Oviedo y Valdes. Vol. III, pag. 11.)

Atenda a meia encosta o bando de Balboa.
Sósinho o heroe se affouta aos trances da romagem.
Nas brenhas o tufão urra, soluça, troa:

nos Pampas assim raiva o bufalo selvagem.
Ignota escuridão lhe segue densa os passos,
como ao campeão na liça obediente pagem.

O roble que desfez na queda em mil pedaços,
dos pincaros ruindo a vasta mó de gelo,
não lhe quebranta o esforço, ou desfallece os braços.

Uiva o jaguar riçando o maculoso pello;
baba-lhe aos pés o *dardo* o seu veneno agudo;
silva, enroscada á preza, a imperial capello.

O putrido paul, verde, espalmado, mudo,
pasma, assassino, aos pés d'um matagal rasteiro;
do caoban gigante ao acaju membrudo,

da amplissima capera ao colossal coqueiro,
urde o bexuco, enreda a emmaranhada teia;
lacera o cardo vivo os pés do caminheiro;

do famulento ochí a escura sombra ondeia;
em roscas, mil reptis se rojam peçonhentos;
nas fragas dá, resalta e ruge espumea a cheia;

ulula o pinheiral horrisonos lamentos:
nem é mais longo e triste o prantear precito;
levam no redemoinho embravecidos ventos

montanhas de espessura, oceanos de granito;
brama o condor, por entre o espesso nevoeiro,
como estrondar fulmineo, o seu brutal crocito...

Em vão! Sereno, austero, o impavido guerreiro
segue no altivo empenho, illuminada a fronte,
desassombrada a mente, o caminhar ligeiro.

Vinga a final a escarpa: eis do infinito monte,
a arremetter co'o espaço, o pincaro nevoso;
tem só por cima o céo, tem só por fim, defronte,

beijando, ao longe, a fimbria ao curvo azul radioso,
aereo véo que ondula em seio fatigado,
do mar, do mar sem fim, sem plaga, o plaino undoso...

Aos estos da emoção succumbe o audaz soldado;—
banha-lhe o fusco rosto, em silencioso pranto,
em pranto agradecido, o sonho effectuado.

E, rude luctador, adverte, em doce espanto,
que tão visinho ao céo, sereno e refulgente,
sabe de novo orar,—orou de arroubo santo.

Quedou-se largo espaço, extatico, fremente,
absorto a ver o oceano: assim contempla, admira,
o amante, intacta e nua, a noiva aos pés dormente...

Depois eleva o olhar que o jubilo delira;
desnuda, á luz do sol, a espada coruscante,
sob o docel sem fim de celestial saphira;

co'o olhar devassa, inquire o abysmo circunstante:
—«És meu, exclama, és meu, ó mar, ó mar immenso,
de c'rôa sem rival, ó sem rival diamante!

E tu, por quem só lido, e tu por quem só venço,
ó doce Espanha minha, ó casto amor ethereo,
de cujo aceno tenho o meu porvir suspenso,

consente que em teu nome, ao teu potente imperio,
a espada que me has dado ajunte um novo oceano.
No immenso mar que te ama, ao resplendor sidereo,

eterno o teu balsão dominará sob'rano.
Outorga-te o destino, ó minha amada Espanha,
outorga-te valor que excede o esforço humano:

do mar, que o velho mundo e o mundo novo banha,
sempre será teu sceptro o inquebrantavel dono!»
E descendeu glorioso a asperrima montanha.

O Leopardo inglez sorriu no immenso throno...

O CESAR BEBE

(A J. P. Oliveira Martins)

Era opulenta a ceia.
O cesareo apetite, entra, quarteia,
talha e retalha á brava,
sem termo e sem repouso,
de alvo terneiro o lombo saboroso,
pingues lebrachos, tartarugas finas,
sazonado capão de pelle flava,
sapidas tencas, ostras peregrinas,
grosso linguado, salmonejas trutas.
Em pospasto — confeitos, finas frutas,
mel, assucar rosado.
Relevam-lhe a appetencia que sacia
os frouxos de alegria:
o Cesar ri com gosto desusado.

Entre aureas taças e crystaes se ostenta
um cangirão bojudo.
Zomba na tampa um satyro ramudo,
de labio obsceno, e arregalada venta.
Co'o petulante olhar, co'o rir lascivo,
incita o bebedor
a enchugar-lhe d'um trago, ebrifestivo,
o amplissimo licor.

O Cesar cede ao temerario envite:
intrepido e sereno,
atabafa os avanços do appetite
em tarraçadas de espumoso Rheno.

Em torno do buffete, em varios geitos,
assiste á gastronomica façanha
o grupo dos eleitos:
o confessor de cara emaciada,
mudo, contricto, a meditar em nada;
nos direitos cabal, cabal na manha,
mascando um texto o nedio Carvajal;
o grave, o bom, o indomito Quijada,
com Perico gibboso e jovial.

Findo é o repasto.
Tenta o dorso torto

Perico a prumo pôr. Tem modos feros,
tem vozes de aterrar. Dos comuneros
o fim cruento narra.
—«É morto o meu rival! Padilha é morto!
Deixou no cepo a fronte escura e vil!
Beijemos da aguia a justiceira garra!»
E as regias mãos oscula em tom servil.

Na estensa, fria, lageada arcada
fez-se silencio immoto... Apenas pulsa
de innumeros relogios a pancada,
lenta, sonora, rapida, convulsa.

Por fim, das mangas do talar mongil
as mãos desterra o astuto franciscano.

—«*Distinguo.* Succumbiu impenitente
de heretical engano...?

—«Requereu confessor sabio e prudente.
E teve-o—mais devoto que discreto.
Para escalar o céo dão estorvo ingente
as letras do alphabeto...»

Queda-se o padre em incerteza immerso.
Depois:—«Os anjos folgam nas alturas

co'o peccador converso.»
E as mãos do Cesar beija entre mesuras.

Acode Carvajal:—«Do jus romano,
digo *utriusque juris,* acatadas
hão sido as normas santas...?»

—«Dispensaram-se as normas. Eram tantas...!
Rebelde ao formulario
das leis foi sempre o fero solo hispano.
Para talhar as cruzes d'um Calvario
são regras escusadas.
Lavraram a sentença inappellavel
o doutor Condestavel
e o bacharel em armas conde de Haro:
no direito da forca e do baraço,
ambos d'engenho raro.
Mas ás sentenças assistiu de espaço
Zarate, licenciado,
alcaide da real chancellaria...»

—«Basta! cedo á evidencia que irradia.
É justo o processado.
Succumba muito embora a humanidade;
porém segundo a praxe, as normas justas,
e as regras da equidade.

Por nenhum caso a remissão das custas! »
E os pés ao Cesar osculou modesto.

E Perico: — «Em palavras tão discretas,
no proceder honesto,
não ha negal-o, alvitram as pandectas,
ressuma a quinta-essencia do Digesto.»

«Senhor! rompeu Quijada,
com scena tão grotesca
não sabe conformar-se a barba honrada
d'um velho... estonteado!
Perdoae a franqueza soldadesca
ás queixas d'um soldado.
Padilha é morto. Seu mortal peccado
— se errou tal cavalleiro,
firme, fidalgo, honrado e verdadeiro, —
manietado, descalço,
soube expial-o em rude cadafalso.
Não deve um rei soffrer que indignamente
lhe babe o nome a bocca d'um truão.
Fallou, viveu, lidou como um valente,
morreu como um christão.
Mereceu-vos castigo? — houve castigo.
A morte é longa e escura.

Cuspir n'um morto dera em tempo antigo
direito a ser vilão. Vêde a loucura!
De ora avante, sem peitas, sem feitiços,
co'o: Mando! n'um papel,
haveréis donativos e serviços...
Pobre nação fiel!
Sereis vós mesmo a lei. Communidades,
franquias pessoaes,
côrtes, adeus...! Hispanas liberdades,
não mais sereis, não mais...
Morrestes em patibulo sangrento,
no chão de Villalar.
O povo chora! ao som do seu lamento,
é cru, senhor, folgar!»
E lento se apartou.

Sinistro, insano,
torvo, sanhudo, alçou-se o imperador;
o glauco olhar lampeja ameaçador...
Assim raiva a tormenta no oceano.

Perico impõe silencio: — «Praça, praça,
ao rabugento velho!
O tordo a provocar açor de raça!
Merece o tonto ser do meu conselho!
Se preferes porém crueis avisos,

e punes nescio tal,
tens jus ao carapuço de aureos guisos,
e á vara de jogral.»
E o dorso agita monstruoso, informe,
em brutescas passadas.

Fita-o d'espaço, e o vasto queixo enorme
o Cesar bate em soltas gargalhadas.

O bojudo pichel empina cheio
de opalina cerveja enregelada.
Isenta de odio, immune de receio,
a imperial guella
exhaure d'um só trago uma canada:
Ás santas liberdades da Castella!

DORMIU POR FIM!

(A Camillo Castello Branco)

> D'esta marqueza apenas direi que era galante e casada aos dezeseis annos com o marquez seu sobrinho e da sua mesma edade; aos vinte e seis cedeu sem rebuço ás solicitações do rei, e aos trinta e cinco assistiu com heroico desplante ao desfecho da tragedia cuja responsabilidade era toda sua.
>
> (C. Castello Branco.)

> ...Ils s'imaginaient qu'il mettait tout en œuvre pour fomenter la passion qu'avait inspiré au roi la jeune marquise Dona Tereza.
>
> (*Memoires*, etc., livre quatrième, p. 12.)

I

Não dorme el-rei! Debalde a experta medicina
segunda applicações, solicita e sagaz:
em ferrea pua inverte a insomnia a pluma fina,
onde, em vigilia eterna, el-rei queixoso jaz.

Se as palpebras descerra, a lampa agonisante
vasqueja no aureo leito horrificos clarões;
se a medo as fecha, inunda a treva circunstante
o livido tropel de sepulcraes visões.

Não dorme! Adora insano a senhoril Thereza
de amor, enlevo, angustia, incendio e languidez;
mas, seva aberração da estulta natureza,
a avassallada amante é esposa de um marquez.

Succumbe ante o pavor d'esse adulterio dobre:
incerta é a hora extrema e tetra a immensidão.
Contricto ao confessor a culpa atroz descobre...
Mas não lhe torna a paz condicional perdão.

Exhortam-no a que extinga a bruta chamma acceza
nos fastos de aureo exilio em plagas de ultramar.
Mas é tão branco e morno o collo da marqueza,
tão purpurino o labio e humedecido o olhar...!

Vanesce el-rei, defesso, insomne, a olhos visto,
aos prantos, ao terror da lacrimavel grei!
Embalde oscula os pés da cruz de eburneo Christo,
se roja a soluçar: «Perdão, Jesus! Pequei!»

Sempre inextincta, a lucta as carnes lhe definha;
ao macerado rosto a olheira azul dilata.
Pois — graças ao Senhor, prolfaças á rainha —
era a consciencia regia austera e timorata!

II

. . . . . .

Fôra a entrevista longa: el-rei fallando em morte,
em Deus, com ar sanhudo e torvo olhar feroz;
Thereza a soluçar, dolente do consorte,
do indissoluvel dar de *dissoluveis* nós!

Cobriu-lhe as cereas mãos de beijos de ternura;
lançou-lhe ao collo arfando os dois bracinhos nus;
jurou sumir-se presto em perennal clausura,
onde não visse mais nem céos, nem ar, nem luz...

Quedou-se o regio amante incerto, irresoluto.
Dez vezes se assentou, alçou-se vezes dez...
Mas, subjugado emfim do baixo amor polluto,
lhe oscula avidamente os pequeninos pés...

Era refeita a paz. Thereza triumphava.
Para extinguir no peito o horrisono latir,
promette el-rei, submisso á omnipotente escrava,
em tão pungente empenho o seu ministro ouvir.

Ergue soberba o rosto e alvoroçada sente
o avizinhar de alguem no estenso corredor.
Refoge ás mãos de el-rei que, tremulo, fremente,
geme, estreitando-a ao seio: «Amor! amor! amor!»

Esvae-se a seductora: hesita o réo de novo.
Pensa na morte, em Deus, na lei que desacata.
Pois — graças ao Senhor e parabens ao povo —
era a consciencia regia austera e timorata.

III

Chamado, á escusa quadra entrava o grão ministro.
Sobraça mil papeis; longo despacho traz.
O truculento olhar chameja mais sinistro;
franzido o supercilio arqueia-se minaz.

Na perfumada luz do morno gabinete
palpitam docemente effluvios feminis...
Da porta entresentiu na felpa do tapete
o deslisar veloz de leves pés subtis...

Soluça da harpa inerte, a par de eboreo dente,
um fremito de amor nas cordas de metal...
Ao canto, um Pan desnudo, em marmore nitente,
retorce mais lascivo a *pose* sensual...

Com tedioso gesto, el-rei sentado affasta,
no amplissimo buffete, as rumas de papeis.
Um só conselho quer; repouse agora a pasta.
Tambem é dado, um dia, algum descanço aos reis!

Reconta-lhe que adora a senhoril Thereza,
os trances d'esse amor, angustia e languidez;
e a horrenda aberração da estulta natureza,
que fez de regia amante a esposa d'um marquez.

Tudo esqueceu rendido: até lhe esquece o torno!
Mandal-a em aureo exilio a terras de além mar!?
—«...Mas o regaço d'ella é tão gentil, tão morno,
tão rubro o labio rubro e enlanguecido o olhar...!

Ao teu pensar sisudo entrego este poblema,
profundo como a dor, cruel entre os crueis.
—Mas vê: não sei de acção que eu mais desqueira e tema
que, tenue embora, aggravo á Santa Igreja e ás leis!—

Mas a gentil marqueza, a do sorrir suave,
do jaspeado collo, esposa...! E o tal marquez...
Alcança o siso teu quanto o problema é grave;
e a angustia que nos roe, presinto que entrevês.

Turba-nos acre espinho, intolerando, enorme!
Viver sem ella... Oh! Deus! viver sem mim, não quer.
Tranquillo o mais villão de meus vassalos dorme,
e eu não...! Meu somno quero e quero essa mulher!»

Disse e arquejante, exhausto, enerve, recostou-se
do vasto cadeirão no rigido espaldar.
Nos labios do ministro abre-se um riso doce;
rutila, quasi meigo, o leonino olhar.

—«A tal problema, diz, o Ubiquo, o Omnisciente
a mais segura chave em regias mãos depoz...»
—«Graças? Mercês? O Papa...?» E austera e lentamente
acode em voz pausada... «—Ou meramente o algoz...»

E ao lasso, ancioso rei ruge a sentença fera,
que os Tavoras lhe roda, aspa, desossa, mata...
.....
Nem disse: Approvo! el-rei.
... Sereno adormecera
na paz da consciencia austera e timorata!

Abril de 1882.

13 DE JANEIRO

(A Rodrigo de Sousa Monteiro)

I

Fôra de gala o dia. A pia Magestade,
e o genio colossal do provido estadista
lograram ministrar, em sanguinosa lista,
gratissimos regalos
ao bruto paladar da plebe da cidade.

Dez largas horas, dez, com raros intervallos,
de rodas e polés, garrotes e cadeias,
de arrancos, de estertor, de uivos e pranto cheias;
dez largas horas, dez,
em amplo catafalco alçado a muitos pés!

Marretas quebrantando os ossos rijamente,
em tratos d'um vagar pausado e consciente!
Aspas de duro pau, ferradas gargantilhas,
postes, cutellos de aço, e pez e breu, de rojo
escuros tafetás, grosseiras hollandilhas,
enxofre suffocante, e ressequido tojo,
no horrifico mister, dez largas horas, dez,
em amplo catafalco alçado a muitos pés!

A graça feminil, as cans da muita edade,
estenso rol de avós, soez progenitura,
serviços, gerarchia, e sexo, e mocidade
vingam direito igual, medem a mesma altura, —
a do lascado poste e ferrea gargalheira!
Com Tavoras hombreia o servicial Ferreira;
seu escuro reguingote,
pela primeira vez, impune de chicote
e vis lacaios pés, roça o ducal roupão.
Ao menos ante o algoz affirma-se a igualdade!
Ó plebe, applaude absorta a pia Magestade;
do provido Ministro applaude, ó plebe, a mão!

Tres Tavoras, primeiro — é justo: a primasia
aos proceres pertence — e o conde de Athouguia.

Depois, Alves Ferreira, e Braz José Romeiro,
e João Miguel; depois, um Tavora; depois,
o summo, o detestado, o criminoso Aveiro;
no rematar, mais dois...!
Que magas emoções! Que saudoso dia!
Trouxe afinal fadiga a atroz monotonia
das rodas, do estertor, dos fremitos, dos ais.
A chusma, derredor do ensanguentado caes,
já bocejava tedio e quasi adormecia.

Nas brumas da manhã cala mordente o frio.
Pouco se enxerga e mal no amplissimo recinto,
de infantes mil coalhado e bellicos dragões!
Não quiz el-rei esperar que resurgisse o estio!
De madrugada estiva ao rubescer retincto,
ó rei, que enlevo immenso em taes execuções...!

II

No tetro deslisar das pavorosas scenas,
tintas de sangue justo, estremecidas de odios,
lembram, com pleno agrado, as sordidas hyenas
dois feros episodios.

O triste Aveiro, as mãos asperamente atadas,
quasi descalço, veste um carmesim roupão;
ascende, a passo lento, as lobregas escadas,
segura amiga cruz na roxeada mão.

Cançado abatimento os membros lhe entorpece;
nua a cabeça e curva, annuveado o olhar,
repete inconsciente a soluçada prece,
que um frade, em branda voz, lhe ensina a murmurar.

Mostra-lhe o ferreo algoz os ferreos instrumentos;
pondera-lhe o pavor dos infernaes tormentos
nas aspas, nos grilhões, postes, cutellos, pás;
desvela-lhe, em montão, corpos desconjuntados
na fria rigidez da morte aconchegados,
sob o negror fatal dos sujos tafetás.

Nada ouve, nada vê; ligam-no molle, inerte,
da illacrimavel aspa á cravejada cruz;
para que o bruto nó mais duramente o aperte,
repuxam-lh'o nas mãos e tornozellos nus.

Rijo martello estala, em seu pulsar frequente,
a cada braço e perna as canas uma a uma;
e o miserando réo, n'um arquejar fremente,
urra, e soluça, e raiva, e estala, e sangra, e espuma...

Por fim, nas mãos do algoz compadecido, a maça
desanda horrido golpe ao peito que espedaça,
outro ao crispado rosto, esqualido, mortal.
Golfa-lhe em borbotões o sangue e tudo inunda,
da parda hirsuta grenha ás pranchas do tablado...

—«Até que veste o duque a purpura real...!»
Moteja a voz immunda
de estupido chacal,
attento a contemplar á beira d'um telhado.

Na pardacenta bruma abre-se a custo o dia;
chispam, por entre o escuro, as finas bayonetas.
Dispõem-se lentamente as aspas e macetas;
afia-se ao cutello a folha luzidia.

Aos pés do cadafalso, entre a aprumada linha
de impavidos dragões, da negra cadeirinha
apeia-se a marqueza. A capa, de alvadia,
a custo a accusa e mal, no pardo lusco e fusco.
Deposto christãmente o geito fero e brusco,
com que de si lançára a affronta vil da graça,

que ousára offerecer-lhe o seu algoz coroado,
a roda preferindo, e o pez, e o cepo, e a maça,
com magestade austera, ante o feroz tablado,
orou submissamente.
Depois subiu, serena, erecta, altiva a frente,
cingida e luminosa
do tardo alvorecer das rosas da manhã;
e a turba ennovellada, antes palreira e vã,
á luz d'aquelle olhar curvou-se silenciosa...

Recorre friamente o tetrico apparato,
que vae truncar-lhe em breve a senhoril cabeça...
Narrando, o torvo algoz, tão minucioso e exacto,
nem logra que de leve a tez lhe empallideça.
A varonil mulher!
Mas quando a mesma voz,
no lugubre exercer do ministerio atroz,
deixa-a antever tambem
toda a tortura fera,
o immane padecer que o pobre filho espera
e o estremecido esposo,
cessa o valor antigo, o antigo brio cessa,
—a interrita marqueza era consorte e mãe—
do seio, até então sereno e silencioso,
irrompe a soluçar: —«Oh! matem-me depressa!»

Ao reverente algoz, que implora ajoelhado
da martyr o perdão:
—« Ao teu mister cruel!»
murmura docemente. «Algoz, és perdoado!
E, por penhor, acceita este presado annel!»

—« Que bom rapaz! que bello!
tentou peitar-te embalde a bestial traidora!»
Uivou a mesma voz, á beira do telhado,
quando, ao brutal revez da folha do cutello,
bateu na rude taboa o corpo inanimado
da genial senhora...

.....

III

Inda fumante a pyra, em vasta, augusta sala,
pompeia ledo el-rei, na roçagante gala
de lhamas de ouro e prata, e gemmas, e setins.
Aos reluctantes pés da escrava fidalguia
estendem-se no throno explendidos coxins;
e a triste oscula a mão que, em tão festivo dia,

salvava heroicamente a patria, a magestade,
e se dignava honrar o povo da cidade,
fazendo-o espectador da bruta galhardia.
O ensanguentado heroe, tranquillo emfim, sorria...
Entrava honradamente ao Pantheon da Historia
pela callosa mão do rubro algoz sinistro...
Gloria pois, gloria, gloria
á Pia Magestade, e gloria ao seu Ministro!

Maio de 1882.

A LISTA DE PROSCRIPÇÃO

(Ao Visconde de Seisal)

> O naïf massacreur! ô candide bourreau!
>
> (ALFRED DE VIGNY. *Stello.*)

> Plus le corps social transpire plus il devient sain.
>
> (COLLOT-D'HERBOIS.)

> Le vaisseau de la Révolution ne peut arriver au port que sur une mer rougie de flots de sang.
>
> (SAINT-JUST.)

I

Durante o dia inteiro a «santa guilhotina»
rangera, destroncando innumerandos réos.
Cumplice na tarefa, estupida e assassina,
co'a sacra voz das leis, fôra o esplendor dos céos.

Por entre hosanas roda a lugubre carreta,
perfaz o rubro engenho a bestial missão...
Já nenhum resta! O sangue espuma na valeta,
salpica alegremente os labios na ovação!

O corpo social, sedento de saude,
transuda sangue ás mãos da Triade do Mal.
Tem por base o Terror, por vertice a «Virtude»...
Transude sangue, embora, o corpo social!

A Nave de Saint-Just mareia, solto o panno,
galerna a viração; não tem que temer vau.
Do sangue derramado espraia-se o oceano...
Has de surgir a salvo, ó combatida Nau!

Não surgirá? Mas tu, brutal triumvirado
de sangue e horror, não tens censuras que soffrer:
de dar repasto á morte és firme no cuidado;
se não trucidas mais, é que não póde ser.

A febre atroz do sangue abraza inteira a França.
Tanto a inebria a morte e lhe dão gosto os ais,
que ás vezes de chacaes um bando á morte lança,
á mingua de outros réos, um bando de chacaes...

E inda rubente o sol no arcado azul resplende;
têm lyrios os vergeis, albores as manhãs;
do matagal em flor agreste aroma ascende;
e as arterias do amor pulsam fecundas, sãs,

na terra eterna, e forte, e alegre, e rediviva,
sob o oscular do sol, o esposo ardente e bom;
o tronco inflado agoma a seiva mais lasciva;
descanta a verde orchestra em voluptuoso tom...!

. . . . . .

II

Sombria é a vasta quadra; em seus compridos muros
das colgaduras pende o tetrico negror.
Fronteiro a um contador, que torce os pés escuros,
ruga Tiberio Graccho o gesto vingador.

A par, minaz e nu como nos Marcios Idos,
nas mãos de Bruto luz o gume d'um punhal.
No poento montão d'uns livros esquecidos
um livro aberto diz: « Contracto social.»

Vasta poltrona preta e de espaldar direito;
negro buffete, e largo, e extenso, de acajú;
montão de artigos, leis, projectos sem effeito,
dormita amarrotado em cestas de bambú.

Junto ao buffete, um moço imberbe, delicado,
pende a cabeça esguia em cima d'uns papeis.
Que intenso meditar! Dos riços do penteado
cae-lhe a cabelladura em fulgidos anneis.

Nas dobras de setim, a amplissima gravata
entala-lhe o pescoço, hirto e reteso o faz;
o labio, humido e estreito, um riso bom desata;
o azul do ardente olhar quebram-lhe amor e paz.

Para dar vida á França, alento ao mundo inteiro,
lavra as mais doces leis... Subito, rude mão
franziu da larga entrada o negro reposteiro;
alguem penetra á pressa e brada: — «Cidadão!»

— «Outra vez!» lhe tornou Saint-Just, curvado e quedo.
— «Mais uma lista e larga! é força que a assigneis.»
— «Couthon e Robespierre?» — «Assignam em segredo,
e sem descanço, ha muito, os dois eguaes papeis.»

— «Medito» — «Mas a Nau sem sangue mal navega.
Pede o piloto sangue.» E riu co'um rir cruel.
— «Muitos?» — «Apenas cem; mas inda ha mais; socega.»
A penna de Saint-Just rugia no papel.

—«Medito.»—«Cidadão! periga a liberdade.
Hão de furtar-se á morte os da secção Marat?»
O grão legislador enfia de anciedade.
Nao desfitou o olhar, mas resmungou:—«Dá cá.»

Desdobra vivamente a enxovalhada lista,
que á mãe arranca o filho, á netazinha o avô;
sem lhe um só nome ler, sem relancear-lhe a vista,
com mão segura e breve o duro rol firmou.

Votára á morte cem! O sangue, lento e brando,
encarna-lhe de novo a pallidez mortal:
não é mais doce a côr do firmamento, quando
desmaia, á tarde, o sol na curva occidental.

Arfa-lhe o seio o amor da natureza inteira,
como a espelhado lago a viração do sul;
redoura-lhe os anneis da fulva cabelleira
a luz que aos astros presta o ennoitecido azul.

E humido o «santo» olhar, sereno, embevecido,
philantropico e doce, o grão legislador:
—«Artigo vinte e tres, gemeu, será banido
quem descrer da amizade e quem descrer do amor...!»

. . . . . .

A sêde atroz do sangue abraza tanto a França,
que entre o fremer da morte e o crepitar dos ais,
ás vezes de chacaes um bando á morte lança,
á mingua de outros réos, um bando de chacaes...

NOTAS

MYSTICOS

A NOIVA DOS CANTARES *(Pag. 29.)*

A propria fórma da gentilissima composição cognominada, por excellencia, o *Cantico dos canticos* tem sido objecto de longa e debatida controversia. Adoptando o conceito d'uma parte da critica de alem-Rheno, considera-a o sr. Ernesto Renan não méramente um poema dramatico, mas um drama no sentido mais preciso e estricto da palavra. Reconheço a arguta subtileza, admiro a larga erudição, com que o estilista francez nos expõe e insinua a sua these. Reconheço, admiro, applaudo; mas não me submetto. Nega descarinhosamente o arrojado iconoclasta a valia da tradição no tocante ao symbolismo do poema, e rompe no excesso de invocal-a em abono da sua menos bem parada convicção. Curioso! Quasi que rio.

É o graciosissimo idyllio denominado tambem livro dos cantares. Exprime esta denominação, melhor do que nenhuma outra, a indole e fórma do livro biblico. É uma série, uma fiada de breves e distinctas composições, versando sobre um thema identico — o amor de Salomão pela formosa de Sulam, que o real amador transforma em innocente zagalinha, assumindo para requestal-a ora os explendores deslumbrantes de seu fasto imperial, ora o çurrão e o cajado pastoril, como qualquer fingido Cinthio ou postiço Menalcha da Arcadia portugueza, de caturrissima memoria. Cousa muito semelhavel ao Intermezzo de Heine, do qual escreveu Gerardo de Nerval: Ce titre... cache plutôt qu'il ne designe une suite de petites pièces isolées et marquées par des numeros, qui, sans avoir de liaison apparente entre elles, se rattachent à la même idée. L'auteur a retiré le fil du collier, mais aucune perle ne lui manque. Toutes ces strophes décousues ont une unité — l'amour.»

Afasto-me no córte, e distincção das diversas secções e trechos do poema, do que se acha consagrado pelo consenso christão na lição da vulgata. Não presumo definitiva e inemendavel a divisão que adoptei.

Na paraphrase do texto, em que por vezes me alonguei da versão da vulgata, e n'esta breve nota, considero o poema biblico sob o seu aspecto puramente humano, puramente litterario.

ANTIGOS

BOA *(Pag. 79.)*

Em julho de 1823 publicou Macaulay no *Knight's Quarterly Magazine* fragmentos d'um conto romano, que nunca chegou, creio, a concluir. Não figura pelo menos a conclusão nas suas *Miscellaneas.* Nas breves paginas da incompleta novella, figura uma escrava vehementemente enamorada de Cesar, que logra salval-a das mãos dissolutas d'uns ebrios tresnoitados. Não se chega a apurar o destino da formosa atheniense transportada pelo piedoso e agradecido amante á sua esplendida mansão de Roma. A minha Boa é parenta chegada da Zoe do grande historiador.

MODERNOS

A BOCETA DE D. JOÃO II *(Pag. 91.)*

Ministrou a idéa para este poema o capitulo CCXIII da «Chronica dos valerosos e insignes feitos delrey Dom João II de gloriosa memoria, etc. Per Garcia de Resende.» Intitula-se: «Do que se achou em uma boeta delrey.» A parte d'esse capitulo referente ao ponto que nos occupa diz assim: «Depois do falecimento delrey o Bispo de Tangere, e o Prior do Crato secretamente, e sos com a casa despejada por os outros senhores serem hidos a suas pousadas ordenar sua partida para Sylves, como ambos eram feyturas delrey, e muy aceitos a elle, abrirão huma sua boeta, de que elle sempre trouxe a chave, por ouvirem e aver antre alguns sospeita que elrey trazia aly peçonha com que mandara matar o Bispo dom Garcia, pera que sendo assi a deitassem no mar, e nam se soubesse tamanha vergonha. E abrindo a boeta com esta boa e leal tenção de bons criados, acharam nella hum confessionario, e humas disciprinas e hum aspero celicio, que era bem desviado do que cuidavam, e tornaram fechar a boeta.» O resto do capitulo não serve ao nosso intento: commemora as alcofas de cal virgem lançadas dentro do ataude real e os milagres operados em muitas enfermidades pelo contacto de cousas que haviam tocado no corpo do finado e temeroso rei. O caso das alcofas soa talvez menos improvavel do que o dos milagres.

O CESAR BEBE *(Pag. 99.)*

Devo por este poemeto uma satisfação ao triumphador de Pavia.

Não abona documento algum fidedigno, que eu saiba, ter sido a

noticia, transmittida a Gand pela posta, do completo desbarato dos comuneros e do sangrento fim de seu valoroso caudilho em Villalar celebrada de Carlos v com a semi-patusca ceata, de que resa o texto, constante de tencas e capões, de trutas e lebrachos, abeberados de cerveja e Rheno, e apolvilhados dos insulsos dicterios dos imperiaes foliões, officiaes e officiosos.

Não parece todavia muito improvavel o caso. O desaffogo que ao animo de Cesar, justamente sobresaltado, trouxe a gratissima nova, é mui de crer lhe dilatasse os folliculos do appetite, já de si anchos por de mais. Isto conjecturei, isto me propuz significar n'esse curto esboceto pincelado á flamenga, para avisinhar-me quanto possivel do assumpto, com escrupulosa solicitude. Calumniei? Lapidem-me.

Não me confundam porém pela descripção, em que irreverentemente pareço comprazer-me, das demasias d'um appetite verdadeiramente cesareo. Testemunhas insuspeitas e seguras registraram, para a historia das debilidades humanas, a intemperança do summo emparedado de Yuste, intemperança que sobreviveu ás semi-religiosas estreitezas de seu quasi-mundanal retiro. Os embaixadores venezianos que mais de perto o trataram, das grandezas da juventude aos desenganos da prematura senilidade, recordam, com maliciosa complacencia, a desastrosa fraqueza, com outras que discretamente omitto, no glorioso fugitivo de Inspruck.[1] O homem que arrojadamente pretendera subjugar o espirito humano e avassalar o mundo, não lograva senhorear a mais debil e rasteira de suas inclinações. Curiosissima licção. A cerveja enregelada, por exemplo, no dizer dos mais conspicuos medicos de sua camara, corrompia-lhe a saude, enfraquecida pelos cuidados e fadigas do governo. E todavia o Cesar não deixou nunca, em rebeldia aos dictames de seus Galenos consternados, de ter diariamente mergulhados na agua frigidissima das cisternas os garrafões de cerveja, que estancava depois com immoderada e peccaminosa deleitação. Alvitraram, quanta vez, os peritos ser-lhe damnoso o vinho em attenção aos humores melancolicos de sua complei ção fleugmatica. Querem saber como obtemperava o Cesar ao autorizadissimo alvedrio? E lerem o que escreveu o inglez Rugeiro Asham, testemunha presencial d'um repasto de Cesar: «Metteu ao pichel cinco vezes a cabeça e não bebeu de cada vez menos d'um quarto de gallão de vinho do Rheno.» (Mignet, *Charles-Quint,* etc., p. 53.) O belga Van Male, seu *ayuda de camara,* descreve ao senhor de Praet, com gaiata minudencia, as irresistiveis phantasias da voracidade de seu amo. É um libello famoso. Não me penitenceio pois a este respeito. Decididamente.

---

[1] Relazioni degli Ambasciatori Veneti al Senato. Serie 1.ª vol 1.º p. 242. Vol. 3.º p. 225.

Ainda duas palavras. No tocante á chronologia tomei liberdades que parecerão estranhas. Perico foi um bobo muito acceito a Cesar. É certo. Assim o affirma pelo menos o veneziano Bernardo Navagero. [1] Mas não devia estar ainda com o imperador ao tempo em que o figuro a fazer rir seu amo a bandeiras e queixo despregado — aquelle descompassado queixo, que nos espreita nos mexericos dos bisbilhoteiros venezianos.

Quijada fôra muito capaz, se lhe não favoreceram as feições os contemporaneos nimiamente benevolos, de enunciar as palavras que attribuí á sua honesta, rigida e lealissima hombridade. Mas se, por 1522, elle já se encontrava ao serviço de Carlos v era muito moço, e não exercia no paço funcções superiores ás de modestissimo pagem.

Ahi ficam singelamente confessadas algumas culpas. Passo em silencio outras para não alongar demasiadamente esta nota. Nova lapidação, se lhes apraz. Mas os proprios mestres da escola flamenga não passam por muito pechosos em pontos de chronologia artistica. Bem sabem.

13 DE JANEIRO *(Pag. 113.)*

As circunstancias que relato no supplicio dos conjurados, suppostos ou reaes, barbaramente executados em Belem aos 15 de janeiro de 1759, são extrahidas das *Memorias de Amador Patricio*, que Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos publicou em 1871 no *Jornal da Noute* e do capitulo primeiro do *Perfil do Marquez de Pombal*, de Camillo Castello Branco. As paginas em que o grande prosador narra a atroz execução esplendem entre as mais formosas da moderna litteratura portugueza.

Será necessario declarar que a solução dada no poemeto intitulado *Dormiu por fim!* ao terrivel problema, que accendeu as lugubres fogueiras de Belem, aspou e desossou tantas e tão miserandas victimas, não assenta na affirmação irrefragavel d'um depoimento authentico?

A LISTA DE PROSCRIPÇÃO *(Pag. 121.)*

Nos seus *Fragments d'institutions republicaines*, publicadas em Paris em 1800, Saint-Just escreveu: «*Celui qui dit qu'il ne croit à l'amitié ou qui n'a pas d'ami, est banni.*

[1] Ibid. Vol. 1 [illegible] p. 53

INDICE

PAG.

Mysticos 5

O Diluvio 7

Jahel 13

Respha 21

A noiva dos cantares 29

Antigos 61

Cortejo de Baccho 63

A morte de Heitor 69

A sesta de Lydia 73

Boa 79

Modernos 89

A boceta de D. João II 91

Vasco Nunez de Balboa (descobrindo o Pacifico) 95

O Cesar bebe 99

Dormiu por fim! 107

13 de janeiro 113

A lista de proscripção 121

Notas 127

OBRAS PUBLICADAS

Sonetos. Edição de luxo a duas côres. 1 volume..... 1$000

Poemas. 1 volume..... 600

Ir-se-ha publicando successivamente:

EM VERSO

H. Heine. Poesias e Poemas. Precedidos d'um estudo. 1 volume.

D. Pedro, o Cru. Scenas historicas. 1 volume.

EM PROSA

Os livros de linhagens. 1 volume.

PQ 9261 S7A17 1883

Sousa Monteiro, José Maria de
Poemas

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 04 08 06 022 9